



PSICÓLOGAS (O): O QUE A FENOMENOLOGIA TEM A NOS ENSINAR?

GRANETTO, Luiz Fernando¹

SOUZA, Vinícius Voigt Machado de²

RESUMO

A ciência que estuda a vida do homem através do tempo é conhecida como historiografia, sendo como parte da pesquisa histórica. O conhecimento científico está sempre buscando a atualização e superação das teorias anteriores, e por isso as hipóteses construídas não são superadas enquanto não forem substituídas por novas maneiras de pensar, ou regulamentadas por meio de um critério de confirmação. Neste ponto, a tarefa do historiador da psicologia é encontrar os momentos da história onde as teorias foram superadas, ou de fato confirmadas. Derivada dos questionamentos filosóficos e matemáticos, a fenomenologia possui aplicações no campo da psicologia, e pode ser definida pelo estudo qualitativo dos sentidos e significados humanos. Neste momento se insere o estudo epistemológico, que representa uma maneira racional e segura de traçar a construção de um conhecimento. Deste modo, o presente estudo é oriundo de um questionamento epistemológico situado na psicologia fenomenológica existencial-humanista, que buscou ser respondido através do método de revisão bibliográfica: O que a fenomenologia tem a ensinar para a psicologia? A fim de responder essa pergunta, iniciamos a pesquisa investigando em que ponto a história pode contribuir para o entendimento da ciência psicológica. Depois, foram separadas algumas considerações de autores brasileiros sobre a construção do que se conhece por atitude científica. Além disso, através de uma análise histórica, foi estabelecida uma relação entre o conceito de antropologia filosófica e de fenomenologia. Posteriormente, buscou-se através dessa relação, cruzar algumas convergências e divergências entre o humanismo de Carl Ramson Rogers e o existencialismo de Jean Paul Sartre.

PALAVRAS-CHAVE: Fenomenologia; Existencialismo; Humanismo; Epistemologia; Psicologia.

1. INTRODUÇÃO

A história possui uma relação direta com o ser humano inserido em seu tempo. Os rastros dos eventos históricos são construídos por meio de fragmentos do passado. Para Cordeiro (2015) a ciência que estuda a vida do homem através do tempo é conhecida como historiografia, sendo como parte constitutiva da pesquisa histórica. No método historiográfico, os resultados são manifestados através de um saber que obedece algumas regras metodológicas, na busca por estabelecer uma cognição histórica. A metodologia da historiografia obedece a uma análise fragmentária dos documentos que permitem o estudo do passado. Baseado nos apontamentos de Guerra e Brozek (2008), entende-se que a recuperação de documentos de maneira sistemática é uma valiosa contribuição para a construção desse conhecimento.

Quando se trata da Psicologia, a história é parte constitutiva da ciência. De acordo com o estudo de Brozek, Massimi e Campos (2008) a respeito da contribuição da filosofia para a ciência

¹ Professor do curso de Psicologia do Centro Universitário FAG, Mestrando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, possui Bacharelado em Psicologia pelo Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. luizgranetto@fag.edu.br

² Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Assis Gurgacz. E-mail: psiviniciusvoigt@hotmail.com



psicológica, o conhecimento científico da psicologia está sempre buscando a atualização e superação das teorias anteriores, porque necessita acompanhar o ser humano em suas transformações. As hipóteses construídas não são superadas enquanto não forem substituídas por novas maneiras de pensar, ou regulamentadas por meio de um critério de confirmação.

Neste ponto, a tarefa do historiador da psicologia é encontrar os momentos da história onde as teorias foram superadas, ou de fato confirmadas. Guerra e Brozek (2008) alertam, no entanto, que os documentos, fotografias, transcrições e demais registros históricos, não constituem a história como produto. É necessário que esses dados históricos se tornem um produto analítico do pesquisador, a partir de uma elucidação de todo o conteúdo bruto que será coletado.

Seguindo esse raciocínio, Abib (2009) faz uma revisão da psicologia moderna através da história. Sua pesquisa se baseia no fato de que a psicologia, por se tratar de um conhecimento unitário decorre de uma construção histórica que possui uma ambiguidade de saberes que se entrelaçam mas se divergem, e por isso a psicologia necessita constantemente de reflexões epistemológicas para situar qual seu alvo de estudo. O maior precursor da psicologia científica, de acordo com os principais manuais de história da psicologia moderna, como coloca Freitas et al (2008) é Wundt. Para Abib (2009) Wundt foi responsável pela criação de uma psicologia experimental em âmbito laboratorial, buscando um distanciamento das doutrinas metafísicas e espiritualistas em psicologia:

Da perspectiva do projeto científico da psicologia, a psicologia metafísica, ou tradicional, faz parte da pré-história da psicologia científica, e a história da psicologia científica começa com Wundt, James e seus precursores: começa com a psicologia empírica intermediária de Wundt e com a psicologia como ciência natural de James (ABIB, 2009 p. 4).

Para Amatuzzi (2006) a filosofia encarava uma dificuldade epistemológica em definir o que seria válido ou não, e como consequência, produziu uma generalização que se baseava em critérios subjetivos demais. Ou seja, o problema da filosofia estaria no seu excesso de abstração. Neste sentido, o máximo que se poderia fazer era comentar criticamente a obra de outros filósofos. A filosofia não se preocupou com o rigor cientificista, ou seja, não propôs um saber que pudesse ser padronizado. Seu objetivo seria o de produzir um justo objetivo filosófico: questionar a verdade dos sentidos. Historicamente, a fenomenologia é compreendida como uma maneira de fazer filosofia, mas além disso, é um método de análise da consciência (BELLO, 2006).



No entanto, a psicologia quando se emancipou historicamente da filosofia também se inseriu em uma problemática epistemológica que como propõe AmatuZZi (2006), se limitou a compreender apenas aquilo que era permitido padronizar através do que era observável, ou seja, focava naquilo que é verificável pelo método experimental. A subjetividade ficava de fora do estudo psicológico. Para Bello (2006), isso indica que, em termos gerais, a fenomenologia de Husserl se ocupou em unir essa dualidade entre tendência objetiva e subjetiva.

Com a teoria da intencionalidade da consciência, como aponta Forghieri (2000), a fenomenologia foi responsável pelo surgimento de diversas ramificações diferentes com sua abordagem qualitativa da consciência. Aqui pretendemos citar a fenomenologia experimental dos níveis de percepção e processos mentais (DE CASTRO, 2015); e por outro lado, a análise reflexiva dos conteúdos da consciência, conhecido por fenomenologia empírica, que são introduzidos nas obras de Bello (2006) e Forghieri (2000).

Para Martin Sala (2018), na tentativa de se opor ao racionalismo, que atribui toda explicação dos fenômenos às funções intelectuais, Husserl buscou o ideal de uma lógica pura, através do empirismo. Como matemático, via conceitos fundamentais da matemática e aritmética utilizando a psicologia descritiva. Neste sentido, sua preocupação estava em estudar a propriedade dos atos de pensar, perceber, simbolizar - a partir do seu sentido, ou seja, aquilo que é percebido. Para isso, Husserl funda o campo da fenomenologia, que estuda a relação entre consciência-objeto. A redução fenomenológica é um método onde, como aponta Ziles (2007), há uma mudança de atitude natural, para a atitude fenomenológica, sendo possível visualizar o mundo e o sujeito enquanto um fenômeno. Outrora, se estabelece a noesis, o ato intencional da consciência, de perceber; E noema, aquilo que é percebido.

Dentro das principais abordagens que possui base fenomenológica estão a abordagem centrada na pessoa, a gestalt-terapia, e a logoterapia. Essas psicoterapias, com diferentes bases teóricas e aplicações técnicas diferenciadas, têm em comum o resgate da compreensão internalista, ou seja, a psicologia vai para o âmbito dos sentidos e significados viscerais, e sua subjetividade torna-se alvo de intervenção (LIMA, 2008).

Deste modo, o presente estudo é oriundo de um questionamento epistemológico situado na psicologia fenomenológica existencial-humanista, que buscou ser respondido através do método de revisão bibliográfica: O que a fenomenologia tem a ensinar para a psicologia? A fim de responder essa pergunta, iniciamos a pesquisa investigando em que ponto a história pode contribuir para o



entendimento da ciência psicológica. Depois, foram separadas algumas considerações de autores brasileiros sobre a construção do que se conhece por atitude científica. Além disso, através de uma análise histórica, foi estabelecida uma relação entre o conceito de antropologia filosófica e de fenomenologia. Posteriormente, buscou-se através dessa relação, cruzar algumas convergências e divergências entre o humanismo de Carl Ramson Rogers e o existencialismo de Jean Paul Sartre.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UM DIÁLOGO ENTRE A EPISTEMOLOGIA E A ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA

Com o fim do século XVII foi possível perceber uma série de transformações ocorrendo nas formas de viver da sociedade moderna. Oriundo dos dogmas religiosos e crenças fundadas na opinião subjetiva que norteavam o conhecimento das pessoas, questionamentos de origem científica foram se constituindo justamente para se opor à essa maneira cética de pensar. Com essas transformações sociais, a modernidade começa a construir uma revolução científica, que irá instituir novos processos de formação do pensamento comum por meio de premissas que podem ser de fato, confirmadas, como aponta Feijoo (2000):

Os paradigmas clássicos do método científico foram fortemente influenciados pelas ideias de Galileu, pela filosofia de Descartes, pela metodologia científica de Bacon e por Newton, com sua teoria matemática. Este modelo de pensamento dominou todo o pensamento ocidental durante quase três séculos: de meados do século XVIII até o final do século XIX (FEIJOO, 2000. P. 18).

Desde então parece existir uma tensão entre as disciplinas das ciências humanas no que se refere aos questionamentos sobre a origem do ser humano, fragmentando uma série de compreensões que deram origem às diferentes formas de compreender o homem. A psicologia neste sentido só nasceu como disciplina científica quando buscou uma compreensão objetiva dos fenômenos, ou como (FEIJOO, 2000) aponta:

A psicologia, por sua vez, tenta tornar-se uma disciplina científica. Esforça-se no sentido de adaptar seu objeto de estudo aos princípios da mecânica clássica. Tal adaptação é denominada por Capra (1982) de psicologia newtoniana e enquadra neste sistema tanto a psicanálise quanto o behaviorismo (FEIJOO, 2000 p. 20).

De acordo com o texto sobre a atitude científica aplicada nas ciências humanas, da filósofa brasileira Chauí (2000), as ciências humanas representam um campo muito amplo de estudo, abrangendo uma variedade de disciplinas voltadas para a compreensão do ser humano, de sua influência na sociedade, do seu valor na interação com a cultura e na construção da civilização. As



abordagens das ciências humanas buscam compreender os fenômenos mais profundos e complexos do ser humano, ou seja, questões humanas fundamentais para a vida. No entanto, o estudo desses fenômenos apresenta uma diversidade no momento de delimitar qual seria seu objeto de estudo, correndo o risco de se distanciar do seu campo. Como coloca o autor Coggiola (2020):

Um conceito unívoco abarca necessariamente a exclusão de outros elementos essenciais, e a real tragédia desta univocidade não reside na exclusão de uma determinada característica particular - posto que o elemento abandonado acaba reaparecendo (COGGIOLA, 2020 p.23).

Para Serrão (2018) a problemática do ser humano se coloca presente em todo o desenvolvimento da filosofia ocidental, quando se elabora as quatro perguntas Kantianas que se referem a uma antropologia³ do homem. Neste sentido, o autor comenta que essas perguntas estão no escopo da filosofia em geral: a) o que posso saber; b) o que devo fazer; c) o que posso esperar; d) o que é o homem? Para a autora, as perguntas podem ser reduzidas a sua última: o que é o homem? Uma vez que para Kant, deve-se procurar a origem de todas as perguntas no homem. Neste sentido, as ciências humanas se colocam em uma dificuldade de formulação, e por isso, não existe uma compreensão unívoca e unitária do ser humano (SERRÃO, 2018).

Segundo Figueiredo (2008) o projeto de psicologia científica surgiu no século XIX, através do estudo da experiência da subjetividade privatizada. Neste processo, o ser humano se reconhece enquanto livre, singular e capaz de vivenciar sentimentos, desejos e pensamentos independentes dos outros. No entanto, historiadores da psicologia moderna como Shultz e Shultz (2019), por exemplo, afirmam que foi somente quando os pesquisadores da Psicologia se apropriaram da observação e experimentação cuidadosamente controlada do comportamento em âmbito experimental que a Psicologia começa a se distinguir da filosofia. Neste ponto, o presente estudo se baseia na tese de Maslow (1988) quando afirma que a Psicologia trata-se de uma antropologia filosófica, e pode estudar a relação entre os objetos do mundo externo, e a maneira que eles são percebidos por cada ser humano. Essa lógica parece questionar o saber das ciências humanas, no sentido de estabelecer o que o ser humano realmente necessita, baseado naquilo que ele sente.

³ De acordo com Queiroz e Sobreira (2016) a antropologia é um ramo da ciência que estuda as características físicas, culturais, a linguagem e a construção histórica da origem do ser humano.



Deste modo, Chauí (2000) concebe a filosofia a partir de dois eixos específicos. O primeiro deles é tido como contestatório, no sentido de dizer não ao senso comum, aos julgamentos pré-concebidos, e a concepção de massa⁴ onde todo mundo diz o que pensa. Por outro lado, o segundo eixo possui caráter interrogativo e afirmativo, indagando os seres humanos sobre o que são as coisas, a origem dos comportamentos, dos fatos sociais e situações do cotidiano. A autora comenta que neste segundo eixo, aparecem questões como "porque" e "de que forma".

A psicóloga brasileira Bock (2018) explica que, estabelecer critérios que se distanciam do senso comum e produzam fidedignidade do conhecimento fazem parte de uma atitude científica. A autora também estabelece algumas características do que seria um senso comum. Um deles é a busca por generalização, estabelecendo relações de causa efeito entre os fenômenos. A autora dá um exemplo sobre: tal generalização coincide com afirmativas de origem comum, do tipo “mulher menstruada não deve tomar banho frio; todo menino de rua é delinquente; ou comer manga com leite é prejudicial à saúde.” Neste sentido, o pensamento filosófico se baseia nessas investigações, contudo, essas perguntas são alteradas por interrogações filosóficas para descobrir sua origem. Por exemplo, em vez de “que horas são?” ou “que dia é hoje?”, o problema é trazido para o campo das origens, do fundamento do conhecimento. Neste sentido, a pergunta é traduzida para "O que é o tempo?".

Para os filósofos Deleuze e Guattari (2010) a filosofia diz respeito a arte de formar, inventar e construir conceitos acerca de um fenômeno. Além de conceituar, a filosofia busca elaborar incógnitas, inquietações que devem movimentar a construção de novos conceitos, nunca rígidos, sempre mutáveis e superáveis. Ou seja, para os autores, conceitos filosóficos não possuem forma, a própria maleabilidade é sua principal característica.

Neste ponto, Castanon (2007) discute sobre o rigor científico, inserindo o termo epistemologia quando aplicado ao discurso racional da ciência. A palavra episteme, como coloca o autor, possui uma acepção grega que se refere a um conhecimento fidedigno, uma fonte segura. Já a palavra logos, possui um sentido de racionalidade, teoria e aferição lógica. Neste sentido, epistemologia representa uma teoria racional do conhecimento seguro, a teoria da ciência, ou como coloca o autor:

⁴ Para Ortega y Gasset (2016) o termo homem da massa diz respeito a um indivíduo que está conformado com as determinações exteriores.



Estudo metódico da ciência moderna, suas aplicações, limites, métodos, organização e desenvolvimento. Ao mesmo tempo, alguns filósofos de influência francesa também passaram a usar o termo Epistemologia para designar o sentido bem amplo de estudos gerais dos “saberes”, especulativos e científicos (ciência, teologia, filosofia, técnicas), suas histórias, organizações e funcionamentos (CASTANON, 2007 p. 6).

Tendo o criticismo da filosofia como tema central dessa discussão, Serrão (2018) afirma que o movimento da antropologia filosófica possui um grande valor epistemológico para as ciências humanas e para a filosofia como um todo, vista que em seu sentido mais amplo, busca uma tipologia histórica das concepções de humano. A antropologia filosófica se originou de uma inquietação dos pensadores modernos a respeito da filosofia clássica, que para a autora, trata-se de uma abstração de teorias, já que não estabeleceu um raciocínio epistemológico, e sim um raciocínio crítico. A ideia central da antropologia filosófica, portanto, estaria em reconstruir o panorama do ser humano de acordo com as diversas teorias que se tem sobre ele. A antropologia filosófica pode seguir três categorias específicas de estudo: a) o homem como ser vivente; b) o homem, um ser naturalmente deficiente, e ao mesmo tempo, dotado de capacidades; e c) o homem como ser vivente excêntrico.

Na primeira categoria o foco de análise volta-se para a relação do ser humano entre a sua natureza e a sua origem, onde se suscitam questionamentos de origem histórica. Na segunda categoria, de base biológica, o estudo irá explorar as diferenças da espécie humana dentre as demais, e qual seria a relação do ser humano com a cultura e a sua adaptação com o ambiente. Já a terceira, é de base ontológica⁵, onde se estuda a existência e a auto-transcendência do homem no mundo. Em termos gerais, a antropologia filosófica procura “desvendar os mecanismos da complexa máquina humana” (SERRAO, 2018 p. 26).

3. METODOLOGIA

O presente estudo foi estruturado por meio da metodologia de revisão bibliográfica. De acordo com Barros (2009) tal método busca estabelecer um contraponto entre ideias apresentadas pelos autores, estabelecendo uma relação comum entre uma temática chave e a teoria revisada, que possui o objetivo do pesquisador dialogar com os autores propondo destrinchar um tema e contribuir para a construção de um conhecimento específico. Deste modo, a revisão bibliográfica

⁵ Como coloca Chauí (2000) a palavra ontologia significa estudo do ser. Unindo os prefixos “Onto” que significa SER, e logia que significa “estudo”.



torna-se um importante instrumento de aprimoramento e atualização do conhecimento, utilizando o conhecimento científico de obras já publicadas.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Sabemos que estabelecer uma definição precisa do papel da Psicologia ainda é uma tarefa complexa. Ao mesmo tempo que foi recentemente regulamentada como ciência independente, está ancorada historicamente pela filosofia (SCHULTZ E SHULTZ, 2019). Para a psicóloga brasileira Bock (2018) isso se dá pelo fato de que cada ramo da ciência foca em uma especialidade e possui uma matéria prima, e no caso da Psicologia, o foco é a integralidade do ser humano, todos os aspectos que o compõem. Por isso, há um distanciamento entre as outras ciências. A Psicologia estuda fenômenos que são muito diversos e ao mesmo tempo impossíveis de serem submetidos a padrões de "descrição, medida, controle e interpretação" (BOCK, 2018, p. 54).

O psicólogo existencial humanista Rogers (1986) também se ocupa dessa discussão epistemológica, defendendo a multiplicidade dos objetos de estudo psicológico, que enquanto ciência se esbarram em duas tendências divergentes. Há neste sentido, uma tendência subjetiva em Psicologia, que se aproxima da filosofia, que estuda as sensações humanas em diversos níveis e estados de compreensão. Por outro lado, há uma tendência objetiva em Psicologia, que explica suas teorias baseada em critérios próximos das ciências exatas, e que acaba se relacionado com o paradigma biomédico.

Por se tratar de métodos que estabelecem um modelo de mensuração utilizando protocolos de análise e diagnóstico, Rogers (1986) trata essa tendência como um saber externo ao indivíduo. A crítica que Rogers endereça a essa tendência é o distanciamento da subjetividade, do afastamento do ser humano enquanto centro. Mas o critério subjetivo por se aproximar da filosofia, como Sokolowski (2004) afirma, também carece de rigor metodológico, dificultando a padronização de um método que possa servir de modelo em diversos indivíduos, e nesse aspecto as duas tendências costumam se divergir, inserindo a psicologia em um problema epistemológico.

Na tentativa de compreender esse problema epistemológico, antes disso é preciso questionar o que é subjetividade. Silva (2009) comenta que o termo subjetividade seria tudo aquilo que tem relação direta ou indireta com a formação do psiquismo de uma pessoa, sendo assim, pode-se dizer que são todos os aspectos internos que definem alguém. Então deve-se afirmar, que é um fenômeno de organização da personalidade. A subjetividade é responsável pelo processo de formação dos



sentimentos e emoções que se constroem, e essas experiências afetivas se constroem através da aquisição de significados individuais, interesses e desejos particulares de acordo com cada campo fenomenológico (ROGERS, 1975).

A subjetividade está diretamente ligada com esses aspectos internos. Mas se seguirmos este raciocínio, o fenômeno da subjetividade deve também ser entendido como uma construção simbólica, porque a experiência é atravessada pelo ambiente e da sua relação com o mundo material. Portanto, se trata de um processo interno, mas também de um resultado que é mutável pelas experiências do ambiente (BOCK, 2018).

Cabe ressaltar, a tendência subjetiva não desconsidera o aspecto ambiental presente nas outras correntes da psicologia, e ainda sim existem críticas que pairam sobre a tendência subjetiva que apontam o seu distanciamento do enfoque ambiental, porque busca um movimento na psicologia que é conhecido por se debruçar nas sensações humanas mais viscerais, estudando temas como por exemplo a presença, ausência e a intencionalidade do ser. Logo, o que para a filosofia era uma questão relacionada ao estudo metafísico da alma, a temática interessada na psicologia de tendência subjetiva será a relação do sujeito com o mundo (SOKOLOWSKY, 2004).

A experiência humana como ponto de partida principal desse estudo parece ter influenciado a ciência da psicologia na construção de métodos em que o objeto de estudo é a subjetividade (BOCK, 2018). Nesta lógica, Giorgi (2010) comenta que a proposta de Edmund Husserl (1859-1938) questionou a desvalorização do subjetivo e qual seria o rigor metodológico necessário para compreender a subjetividade, na proposta de "voltar a coisa mesma". Ou seja, para o mundo do ser. Por isso, há um distanciamento dos padrões e critérios de comparação e avaliação científica que são externos ao indivíduo. É claro que trata-se de uma lógica subjetiva. Ao mesmo tempo, o ponto importante aqui se trata da maneira que Husserl coloca a fenomenologia, como um método confiável de compreensão de análise reflexiva da experiência humana, os quais não podem ser mensurados pela ciência. Trata-se de uma revolução científica. Afinal de contas, para que um método seja considerado científico, é preciso compreender as leis gerais de funcionamento, e para isso foi preciso de fato, estabelecer especificamente qual o objeto de estudo a que Husserl se propôs.

Neste sentido, a redução fenomenológica consiste em um recurso para acessar a essência da consciência. O primeiro deles é a epoché. a) A epoché é o primeiro estado de redução fenomenológica, onde há a suspensão dos julgamentos apriorísticos. Neste ponto, é preciso



suspender esses valores, nas palavras da fenomenologia, transcendendo as limitações do pensar preso ao cotidiano, ou pensar ingênuo, para assim então estar aberto ao fenômeno como ele se apresenta; b) Redução transcendental: no processo de redução transcendental, os fenômenos expressados pela consciência são alterados em categorias de análise. A realidade factual, ou seja, aquilo que existe na realidade, é dividida da realidade da consciência, ou seja, aquilo que a consciência apreende. A fenomenologia chama essa diferenciação de Noema e Noesis (MARTINS, 1992). c) análise eidética: neste passo, é preciso abstrair o objeto de estudo e compreender a essência do seu fenômeno, dentro da estrutura do significado factual e subjetivo (GIORGI, 2010). Ou seja, o método fenomenológico, além de se tratar de uma descrição, propõe uma análise reflexiva daquilo que é descrito.

Uma influência extremamente relevante para o pensamento da fenomenologia é Franz Brentano. Como nos lembra Schultz e Schultz (2019) a filosofia de Brentano buscava estudar a consciência empiricamente, afirmando que a psicologia deve ser definida como a ciência dos fenômenos psíquicos. A intenção de Brentano era distinguir fenômenos psíquicos de fenômenos físicos, afirmando que todo fenômeno físico pode se tornar psíquico. Isso porque, na relação experiencial com um objeto na consciência ele se torna psíquico, chamando este estudo de “psicologia do ato”. Para Brentano, que abandonou a concepção experimental em psicologia, o método mais efetivo seria o da observação, de forma mais geral e ampla. Ou seja, empiricamente Brentano se preocupava em mensurar os processos da consciência, o que ainda estava distante da fenomenologia.

Neste ponto, como comenta Nachmanowicz (2007) Brentano foi responsável por contribuir com Edmund Husserl para a criação da fenomenologia, mas não suficientemente, porque a psicologia do ato partia de uma radicalização psicológica, onde tudo se tornava psíquico, sendo uma compreensão puramente psicológica. Husserl retoma Brentano na concepção de intencionalidade da consciência, buscando um contato direto com as coisas do mundo. Para efetuar esse contato direto, primeiro era preciso realizar o que ele chama a epoché, ou seja, o estado de suspensão (BELLO, 2006).

Bello (2006) comenta que a ideia de epoché trata-se de um ato de deixar a consciência seguir seu curso livre como uma forma de acesso ao fenômeno, e diferente de Brentano, aponta que a consciência não possui lugar, mas trata-se de uma pedra de toque entre os estados e dimensões da existência humana que são interligadas entre si: a física, psíquica, e espiritual. Um ponto importante



que Husserl entendeu, é que nem tudo seria psicológico. A dimensão psicológica seria um estado dentre tantos outros estados presentes nesse fluxo, ou seja, que a consciência percebeu. Essas dimensões são representadas pela consciência. Na consciência manifestam-se aspectos que só existem porque o ser humano possui consciência que existem. Como propõe Forghieri (2000) a psicologia clínica fenomenológica teria como objetivo a ativação/e-ou ampliação de alguns desses estados de consciência. Bello (2006) prossegue, afirmando que para Husserl, seria apenas examinando a maneira que os atos são apreendidos pela consciência através das reduções fenomenológicas é que se pode chegar a uma possível estrutura da interioridade da consciência.

A filosofia de Husserl foi bem recebida na psicologia, principalmente no que se refere ao método experimental, mesmo que, como coloca Schultz e Shultz (2019), Husserl seria contrário ao método experimental, porque não queria mensurar a mente e seus processos, ele queria entender o fenômeno em sua gênese. Neste sentido, se coloca o trabalho de Carl Stumpf, filósofo e psicólogo alemão, como proponente de uma fenomenologia diferente de Husserl. Entre 1894 e 1921, Stumpf exerceu as funções de professor e de diretor do Instituto de Psicologia Experimental, na Universidade Friedrich-Wilhelm, em Berlim. Seus trabalhos em Berlim pareciam indicar uma tentativa de entender através do ponto de vista fenomenológico a mente humana e seus processos. No entanto, Husserl afirmava que a fenomenologia seria uma maneira de fazer filosofia, e que possuindo caráter reflexivo, não visava a compreensão estrutural da mente, no entanto, Stumpf estava focado no seu valor experimental, isto é, na investigação dos processos mentais.

Em 1890 Stumpf publicou uma obra em dois volumes, onde discorre os resultados de experimentos fenomenológicos voltados para a mensuração quantitativa dos estímulos psico-físicos que a música produz (SHULTZ E SHULTZ, 2019). É importante destacar também as contribuições de Stumpf para o estudo dos mecanismos de percepção e a origem dos fenômenos acústicos, como por exemplo harmonia, consonância, escala e frequência (BASTOS, 2014).

Isso indica que Husserl queria compreender as dimensões da consciência, seus estados, através do sentido atribuído a cada um desses estados. Como afirma Forghieri (2000) essa compreensão tem um choque direto na ideia de cuidado com os transtornos mentais. Esse atravessamento é importante na obra Husserl, porque ao abordar a consciência enquanto atividade, se destaca um importante princípio fenomenológico: o princípio posteorístico, ou seja, a importância de compreender o significado de cada transtorno psicológico para aquele que o vive, para poder trata-lo subjetivamente a posteriori.



A contribuição de Husserl para as abordagens psicológicas aqui torna-se vital, porque existe uma preocupação de Husserl com as ciências humanas se afastarem da subjetividade. Como bem colocado por Oliveira et al (2019) que ao criar atitudes de suspensão fenomenológica e busca pela essência das coisas, Husserl propôs que é preciso entender: o que seria isso que me aparece? que enquanto um fenômeno, está acessível à consciência. É preciso refletir sobre ele, para daí sim poder falar dele com profundidade. Ainda mais, é preciso acompanhar o fluxo de consciência do seu cliente, a fim de entrar em contato com a representação da sua experiência.

Quando se aplica a atitude fenomenológica na ciência, é possível observar esse desdobramento científico, por assim dizer, similar ao que a filósofa Chauí (2000) chamou de ruptura epistemológica. A ruptura epistemológica é evidenciada quando acontece uma mudança na forma de entender um fenômeno científico, que acaba afetando todo o campo de conhecimento devido a sua metodologia ser aparentemente pouco ortodoxa para os critérios atuais utilizados na ciência.

Para May (1980) e Maslow (1988) o humanismo e o existencialismo têm em comum com a fenomenologia essa mesma ruptura epistemológica: de que a intervenção clínica deve ser criada a posteriori, ou seja, no momento daquilo que se experimenta, no momento da situação. No entanto, a tese levantada pelo humanismo seria o da tendência atualizante, contrariando o existencialismo, mas, ao mesmo tempo, o que tendência atualizante⁶ e liberdade para-si⁷ possuem em comum é o desmantelamento de um sistema racional em psicologia. Isso indica que ao invés da lógica de um "transtorno psicológico", tudo deve ser visto do complexo para o mais simples, como propõe o existencialismo de May (1980). Ou seja, para compreender uma experiência humana, é preciso abandonar a lógica conceitual (MAY, 1980).

Neste grande escopo, o dilema do homem enquanto centro de suas próprias experiências é uma característica do pensamento humanista. As correntes humanistas iniciaram no contexto da segunda guerra, oriundo do questionamento em relação ao lugar do homem no mundo, trazendo à tona a necessidade de singularização da personalidade no mundo moderno. Neste olhar, o homem

⁶ Para Rogers (1975) o ser humano é um organismo vivo que possui uma tendência inerente em se atualizar e melhorar seu organismo frente a uma ameaça.

⁷ Para Sartre (1997) a liberdade para-si indica que o ser humano sempre irá projetar sua consciência para fora, e por isso é um ser livre. No entanto, quando aponta que a liberdade para si é uma condição intransponível do homem, indica também que ele está condenado a tomar uma decisão, seja ela boa ou ruim. E a partir dessa decisão, do que fazer com a liberdade, é que o homem se forma.



está no centro de suas próprias experiências, partindo de uma perspectiva atomista, onde a pessoa humana não pode ser dividida (AMATUZZI, 2010). Não se tratava mais do comportamento, ou de funções cognitivas, e sim de todos os aspectos que fazem parte da experiência (SHULTZ E SHULTZ, 2019).

A arte também foi influenciada pelo humanismo, tornando-se a essência do renascentismo italiano. Um dos exemplos clássicos dessa transição está na obra de Leonardo da Vinci, conhecida por Homem Vitruviano. O homem vitruviano aborda uma figura masculina com os braços e pernas abertas, desnuda e dispostas em um círculo e em um quadrado. Todas as proporções são simétricas, onde a cabeça é calculada como sendo um oitavo da altura total, e a posição dos braços esticados é similar à altura do corpo (SILVA, 2010).

O psicólogo John Keith Wood (2008) a luz da terapia centrada no cliente de Carl Rogers, psicólogo humanista, traz um exemplo de pesquisa realizada por dois médicos americanos, Park e Covi (1965) intitulada "uma exploração das respostas dos doentes neuróticos ao placebo quando o seu conteúdo inerte é revelado." Foi dito a quinze pacientes diagnosticados com neurose que eles receberiam pílulas de açúcar durante uma semana, porque aquele método havia funcionado com outros pacientes. Assim, foi prescrita uma pílula três vezes por dia. Os clientes aceitaram, e o resultado das avaliações foi promissor. Todos os quatorze participantes que terminaram o tratamento apresentaram melhora no seu quadro. O mais curioso disso tudo, relata Wood (2008) é que muitos clientes apresentaram certa resistência em aceitar o que havia acontecido, se recusando a acreditar que as pílulas eram realmente de açúcar. Esse exemplo parece nos indicar que o ser humano é capaz de se curar, se exposto a certas condições.

Como argumenta Wood (2008), a teoria de Rogers (1975) se baseia na ideia de que o ser humano possui uma capacidade de crescimento inerente assim como todos os organismos vivos, e que será manifestada apenas caso o ambiente forneça as condições necessárias para sua ativação, que deveriam ser especialmente estimulantes a liberdade experiencial⁸. E não menos importante, o humanismo de Rogers nos indica uma premissa fenomenológica importante: a maneira da consciência simbolizar a experiência pode estar relacionada com o desenvolvimento de uma

⁸ Para Kinget e Rogers (1977) a liberdade experiencial diz respeito é a vivência de um tipo de liberdade onde as opiniões e atitudes íntimas do indivíduo são respeitadas internamente, sem precisar mudá-las, transformá-las ou deformá-las para manter a afeição ou o apreço das pessoas importantes a sua volta. Em suma, parece indicar um indivíduo que respeita a si próprio.



desorganização psíquica, mas de outra forma, que o crescimento psicológico aconteceria se o indivíduo conseguisse acessar essas experiências em sua totalidade (WOOD, 2008).

Neste sentido, Rogers (1975), assim como Husserl (1859-1938) parecem indicar uma oposição a uma perspectiva racionalista em psicologia. Para Gauer (2007) o racionalismo propõe que o conhecimento só pode ser acessado pela via do intelecto e da razão. AmatuZZi (2010) comenta que a prioridade desta compreensão está no estudo da cognição, comportamento e funções intelectuais.

Para Descartes (2001), precursor do racionalismo, a essência do ser humano só poderia ser encontrada por meio do pensamento racional, e por isso propõe uma maneira de acesso ao conhecimento através da lógica dedutiva. Ou seja, a verdade é descoberta por meio de uma argumentação formalizada que depende de premissas analisadas e evidenciadas por repetição, e que só dependem do intelecto. Descartes foi o ponto de partida do movimento científico da filosofia moderna, se opondo à concepção abstrata de alma, propondo uma perspectiva de consciência enquanto fator psicológico e passível de observação. Contudo, como coloca Shultz e Schultz (2019) na teoria de Descartes, era possível observar e estudar apenas a mente e seus processos. A mente só possuía a função do pensamento, enquanto as outras funções mentais eram atribuídas ao corpo.

Trazendo essa discussão para a psicologia, nos cabe a reflexão de Campos (2017) sobre a base científica da psicologia-existencial-humanista, utilizando o método genealógico de Foucault. Uma vez que não parecia possuir objeto de estudo específico, Foucault via o estatuto da psicologia permeada por um conflito de identidade, sempre alterando-se em três dimensões, sendo elas duas das ciências, de domínios epistemológicos, e o terceiro o da filosofia. Os dois primeiros estariam relacionados às ciências empíricas, e o da formalização matemática. Ou seja, a psicologia tem caráter ambíguo, ora se aproximando da matemática, ora das ciências empíricas, da biologia, da filosofia, onde cada uma coloca questões específicas dentro desse domínio do saber, perdendo assim sua especificidade.

Baseado nos comentários de Campos sobre a psicologia de Carl Rogers (1975), a fenomenologia no contexto clínico neste sentido, parece ter dado origem para o que os psicólogos conhecem como atitude fenomenológica. A atitude fenomenológica é um estado de suspensão, e fundamentado no questionamento filosófico, pode ser alinhada a Psicologia clínica.



A psicologia humanista poderia ser interpretada como crítica aos determinismos e a tentativa de aproximar a psicologia das ciências naturais, e, em especial, da biologia (behaviorismo), assim como uma crítica a uma interpretação determinista da psicanálise, em voga nos anos 60. Ela deslocaria a psicologia dessa proximidade com as ciências naturais para aproximá-la da filosofia, de uma visão filosófica do ser humano, enfatizando as categorias de liberdade, projeto, autonomia do indivíduo, criatividade, etc. Não seria somente pela vertente existencialista e fenomenológica que a filosofia estaria presente na psicologia humanista, e sim, mais fundamentalmente, pela postura adotada e pela escolha de suas categorias centrais (CAMPOS, 2017 p. 77).

Antes disso, muitos filósofos também compreendiam o racionalismo como a necessidade de dominação da natureza, e por se esconder na posição tecnicista, não respondia às questões principais que eram colocadas pelo indivíduo. Kierkegaard (1813-1855) recebe um destaque especial nesta discussão como o precursor do existencialismo. Sua filosofia definia o ser humano como um ser angustiado pela própria liberdade, pois está lançando a tomar uma decisão, que colocaria sua existência em choque com o desconhecido, que é o nada. O nada seria aquilo que é inseparável, inominável, mas que está sempre ali. Neste sentido, a liberdade. O nada é a liberdade. Ou seja, tudo é possível, tanto as realizações positivas quanto o fracasso dessas realizações. E encarar o nada, é encarar a si mesmo. O ser humano se coloca frente a diversas possibilidades, e a angústia seria parte essencial da existência. Os estados de angústia podem auxiliar o indivíduo em uma descoberta existencial (KIERKEGAARD, 1968).

Kierkegaard foi um dos primeiros filósofos que tentaram compreender o pecado a partir de um enfoque subjetivo. Ou seja, Para o filósofo, Adão não é responsável pelo pecado da humanidade. O próprio homem que comete os pecados torna-se responsável por escolher pecar, pois Adão é o homem, e todos os homens também são homens.⁹ Kierkegaard chamou isso de pecado hereditário:

Como quer que se apresente o problema, logo que Adão fica excluído de maneira fantástica, tudo se confunde. Explicar o pecado de Adão é, portanto, explicar o pecado hereditário, e de nada adianta uma explicação que queira explicar Adão, mas não o pecado hereditário, ou queira explicar o pecado hereditário, mas não Adão. A razão mais profunda de tal impossibilidade está naquilo que é o essencial da existência humana; que o homem é

⁹ Na obra de Kierkegaard (1968), por se tratar de um texto datado de 1844, a terminologia homem é utilizada, e por isso optamos pela confiabilidade do seu escrito. No entanto, Hycner (1995) também utiliza a terminologia “homem” em sua obra “Psicologia Dialógica” mas alerta que, o termo homem utilizado na ciência diz respeito ao fato de que antigamente apenas os homens entravam no escopo da ciência, porque apenas o masculino era considerado racional. Além disso, esse termo continua em voga por conta de uma psicologia que foi historicamente direcionada aos homens, que tem como consequência, a escassez de uma psicologia voltada ao feminino.



individuum e, como tal, ao mesmo tempo ele mesmo e todo o gênero humano, de maneira que a humanidade participa toda inteira do indivíduo, e o indivíduo participa de todo o gênero humano (KIERKEGAARD, 1968 P. 24).

Kierkegaard torna-se importante nessa discussão porque propôs algo diferente dos seus contemporâneos. A ideia de que a existência é irreduzível, e qualquer tentativa de conceituá-la estaria fadado ao fracasso. Para Lima (2008), a vertente fenomenológica foi um empurrão para que o existencialismo tivesse rigor, quando aborda o desmantelamento de um sistema racional, porque elimina todo significado concreto com rigor analítico, mas ao mesmo tempo a fenomenologia de Husserl abandona a referência existencial. O existencialismo se distancia da fenomenologia no que se refere ao idealismo das ideias, que são caracterizadas pelas intenções transcendentais de Husserl.

Bello (2006) comenta que a fenomenologia de Husserl influenciou outros teóricos e pesquisadores com seu método. Seu interesse não estava na existência humana, e sim no sentido, em sua essência, por isso a necessidade de colocar entre parênteses a existência dos fatos, para entender seu sentido. Outros fenomenólogos, como por exemplo, o Existencialista Jean Paul Sartre; se interessaram pela existência. Sartre, que foi influenciado por um discípulo de Husserl, afirmava existir um fenômeno da existência, inserindo a possibilidade de analisá-la e interpretá-la enquanto fenômeno através da fenomenologia. Husserl, por outro lado, buscava examinar a dimensão dos atos do ser humano. Essa seria uma nova ruptura epistemológica encontrada dentro da fenomenologia e do existencialismo. O existencialismo torna-se um movimento independente da fenomenologia transcendental de Husserl (BELLO, 2006).

No texto *Transcendência do ego* (1994) Sartre critica as concepções psicológicas e filosóficas que atribuem o Ego a uma entidade que habita dentro da consciência, afirmando que o ego reside fora da consciência. Diferente de Husserl, Sartre direcionou seus esforços para os problemas humanos relacionados à existência, concedendo a consciência como desprovida de qualquer conteúdo, inclusive o ego, que nada mais é que um objeto intencional, que transcende o fluxo da consciência. Em outras palavras, Sartre estava interessado na realidade da liberdade humana, e da relação do homem com o mundo. Ou seja, um ego que é um ser engajado com o mundo, e que sempre transcende (SARTRE, 1994).

Enquanto na teoria da personalidade de Rogers (1975), psicólogo humanista, há pressupostos que se referem à natureza do ser humano enquanto um fluxo de consciência, bastante similar a Husserl. Sartre (1997), por outro lado, parece se referir a uma condição humana. Em sua obra *“O ser e o nada”* (1997) começa o capítulo expondo um pressuposto que parece indicar que o



existencialismo propõe uma condição humana: a liberdade. Deste modo, Sartre está negando a concepção de natureza humana e fortalecendo a noção de Liberdade, se distanciando de um problema psíquico: a condição primordial da ação é a liberdade (SARTRE, 1997 p. 536).

O existencialismo afirma que o homem nasce condenado à liberdade, sendo impossível não ser livre. Mesmo em um ato arbitrário, como por exemplo estar preso ou amarrado, haveria duas possibilidades: a) Lutar para escapar e retomar a liberdade; ou b) utilizar a própria Liberdade, aceitar a prisão. Isso significa que tudo que o ser humano é, ou aquilo que poderá ser, torna-se um resultado de suas escolhas. O indivíduo não poderia ser manipulado pelo ambiente tão facilmente: "Nenhum estado de fato pode determinar a consciência a captá-lo como negatividade ou como falta. Melhor ainda: nenhum estado de fato pode determinar a consciência a defini-lo e circunscrevê-lo" (SARTRE, 1997 p. 539).

Isso significa que para Sartre (1997) não existe um ser originário, não existe algo com qual o ser humano já nasce determinado, demonstrando que o mundo do sujeito é o mundo externo, que influencia a formação da essência do homem, mas, no momento que entra em contato com a realidade, torna-se responsável por aquilo que ele cria. Em outro de seus textos, "o existencialismo é um humanismo" SARTRE (1978), afirma:

O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define. O homem, tal como o existencialista o concebe, só não é passível de uma definição porque, de início, não é nada: só posteriormente será alguma coisa e será aquilo que ele fizer de si mesmo (SARTRE, 1978 p. 4).

A essência portanto, junto da história e da realidade, são permeadas pelas condições existenciais, a essência seria a subjetividade, afirmando que o ser humano é produzido pela história, mas também alertando que o ser humano não está passivo a essa história, e sim, ele próprio que a produz. Em outras palavras, as pessoas são produzidas pela sua história, mas produto do que fizeram com ela. O ponto de partida da análise de Sartre mostra que a existência é anterior ao ser. Neste sentido, entende-se que no existencialismo há uma negação do conceito de Natureza Humana, indicando uma tendência posteorística e que não entende uma consciência enquanto um "inquilino".

Diferentemente, na terceira proposição de Rogers (1975) está exposto diversos pontos de divergência com Sartre, em especial sobre a natureza do organismo, que se refere a uma natureza fundamental em se atualizar, manter e realçar a experiência orgânica, indicando que a vida orgânica sempre estará orientada ao desenvolvimento e conservação. Mesmo que o caminho esteja



barrado, o organismo agirá defensivamente frente a ameaça, para realizar essa preservação e crescimento, respondendo como um todo organizado. Boa parte da concepção de tendência atualizante presente nas obras de Rogers, foi influenciada por Kurt Goldstein, como o próprio Rogers (1975) comenta:

Ideias semelhantes a esta que propomos são cada vez mais formuladas e aceites por psicólogos e não psicólogos. O termo «autoatualização» é empregue(sic) por Goldstein (1969) para descrever o esforço de base (ROGERS, 1975 p. 493).

Holanda (2017) comenta que a teoria de atualização organísmica de Kurt Goldstein foi importante para a compreensão de que o organismo humano constitui uma unidade, e deve ser compreendido a partir da sua organização. Essa concepção se origina das pesquisas de Goldstein com soldados que sofreram lesões cerebrais durante a primeira guerra mundial, soldados jovens e com boas condições físicas. Os resultados indicaram que sempre que uma mudança acontecia em uma região do cérebro, aconteciam mudanças em outras áreas, porque ao sofrer uma lesão, o resto do organismo buscava se reagrupar para reagir a essa lesão. Com isso Goldstein descobriu uma verdade importante: que o organismo é compensatório e adaptativo, e que a sua natureza se baseia em um princípio de crescimento e auto-atualização. Ou seja, Rogers entrou em contato com os textos de Goldstein e começou a perceber o seguinte: existe apenas um impulso que move o ser humano. Seria essa a tendência à auto atualização. Por isso que mesmo em ambientes mais nocivos, as pessoas se adaptam e buscam o que é melhor para elas. Mas, certas vezes aquilo que é melhor para as pessoas, pode ser mascarado e escondido pela maneira que percebe sua experiência, e por isso busca o que parece ser o pior para ela, mas em sua experiência isso é o melhor que ela consegue. Em suma, toda pessoa possui dentro de si essa tendência, não só nos aspectos fisiológicos, mas na maneira de se relacionar com o seu mundo.

Poderíamos confirmar com os estudos de Rogers (1975) a manifestação real de uma tendência atualizante em seus escritos, além do que Holanda (2017) argumenta que, segundo Goldstein, de acordo com esses resultados, se poderia chegar a uma compreensão do organismo todo através da teoria da atualização organísmica, mesmo que se tratasse de um estudo fisiológico, porque o sistema nervoso se relaciona com todos os órgãos dos sentidos e das partes removíveis do corpo através dos gânglios.



Rogers (1975) parece se manter fiel a fenomenologia transcendental de Husserl, em sua busca pela essência dos sentidos psicológicos. O humanismo neste sentido, trouxe a tendência atualizante como a sua filosofia primordial: de que todo ser humano possui dentro de si, potencialidades. É preciso acessá-las através da fenomenologia. Rogers parece ser um fenomenólogo da experiência humana, enquanto Sartre, por outro lado, parecia aplicar uma bruta fenomenologia no fenômeno da liberdade do homem no mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi dito que este estudo se baseia na aproximação da psicologia com o movimento de antropologia filosófica. Neste sentido, a ciência filosófica se ocuparia da relação entre os objetos do mundo externo, e a maneira que eles são percebidos por cada ser humano.

Neste artigo, parece que iniciamos uma discussão inacabada: o que é ciência? Olhar para a construção da ciência, é olhar para a história, e olhar para a história é compreender se o método que estamos utilizando em nossa psicologia está de acordo com o sentido de uma teoria. Neste momento, concluímos que o método nem sempre faz bem para a ciência psicológica. Aqui pretendo defender a ideia, baseada na fenomenologia, de que o método nos afasta do ser humano.

É uma afirmação paradoxal, mas que se faz entender quando analisamos o seguinte fator: A psicologia se desenvolveu como ciência através dos estudos das ciências naturais, que tem por objetivo classificar, controlar e generalizar um fenômeno. Por exemplo, no estudo das doenças mentais. Esse estudo busca responder a pergunta comum, o que é esquizofrenia? Por exemplo.

Essa classificação serve para compreender o funcionamento de várias pessoas, através de um critério isolado. Ou seja, uma pessoa que tem esquizofrenia é igual a outra pessoa em outro lugar, que também tem esquizofrenia. Mas qual a experiência que o sujeito A tem com a esquizofrenia que é X, no espaço-tempo que é W? Com o objeto na sua frente que é X? E o segundo objeto que é Y, pode influenciar a maneira que o sujeito A percebe o tempo-espaço W?

As ciências naturais chegaram no seu limite ao se depararem com este tipo de pergunta, porque de fato não há como tabular e comparar uma experiência humana. Se por um instante isso fosse verdade, quais critérios devem ser utilizados na comparação? O equilíbrio homeostático? Uma experiência traumática? Isso faria a psicologia cair em um paradoxo de causa-efeito. A fenomenologia, por outro lado, buscou encarar essa pergunta, e a resposta poderia aparecer, mas paradoxalmente, apenas se o pesquisador exercer a epouqué, e para uma psicóloga (o), isso significa



se distanciar do método para chegar a coisa mesma. Era o método que limitava a pergunta filosófica primordial.

Naturalmente, outra crítica é que além de controlar, o positivismo leva a psicologia a construir uma expectativa perigosa para o psicólogo: a de panaceia. Ou seja: a cura para todos os problemas. A psicologia perde sua identidade quando, baseada em um olhar mecanicista, propõe que podemos consertar o ser humano com ferramentas de suporte psíquico ou existencial. Ou seja, como que eu conserto este ser com depressão? Ou como eu conserto essa criança com desvio de comportamento? Cabe uma reflexão fenomenológica, o que precisa ser consertado? A fenomenologia nos ensina deste modo, a aceitar a dualidade do mundo, das pessoas, e de nós mesmos.

Outro ponto é que o positivismo seria uma, apenas uma das milhares de maneiras de interpretar o ser humano através da psicologia, mas que a fenomenologia não teria esse objetivo. Neste ponto falamos sobre um caminho de encontro com o ser humano, Husserl queria acesso ao fenômeno livre. Ele não queria interpretar nada, e por isso quando estava em contato com o fenômeno, ele se distanciava, ele se suspendia.

Deixar o fenômeno livre é correr o risco de que a existência apareça, o que faz parte da totalidade humana. Ao mesmo tempo, enquanto psicólogo é preciso estar ativo nesta suspensão, porque é preciso além de tudo, sustentar a existência do outro, a alteridade do outro, tudo junto nessa suspensão. É uma reflexão existencial, porque o psicólogo escolhe seguir o caminho com o seu cliente, sustentando a sua dor. Isso não significa se ausentar a ser atingido, mas justamente, estar presente com sua existência, ao mesmo tempo suspenso de qualquer julgamento que apareça antes da experiência. O antes não existe para um psicólogo fenomenológico.

A psicologia deve estar preparada para receber a temática da existência em sua clínica, e além disso, sustentar a tomada de conhecimento íntimo que o sujeito e o psicólogo terão na relação. Neste ponto a proposta fenomenológica é muito em favor da liberdade de ser, na relação de estar junto na terapia. De apreciar o fenômeno. Uma ciência que se propõe a estudar sobre uma atividade, um movimento, ou um estado que está em constante fluxo. O intuito da fenomenologia é ampliar as possibilidades existenciais e compreender mais a singularidade e a subjetividade que permeia o mundo que envolve o terapeuta e o cliente. Isso a fenomenologia nos ensina diariamente.

O que mais a fenomenologia ensina é como trazer de volta um ser humano que se reconhece como um ser em construção, em constante mudança. Neste sentido, para a fenomenologia



transcendental, a concepção de um ser eterno e unicamente angustiado colocado pelo existencialismo parecia não ser suficiente, embora fundamental. Quando outros pesquisadores como Rogers, por exemplo, se depararam com outros fenômenos que se referiam a essa capacidade de atualização latente, foi possível exercer a atitude fenomenológica para explorar os estados de consciência que permeiam essa tendência. Por isso, epistemologicamente, o humanismo foi gerido por algumas ramificações do existencialismo, utilizando a base fenomenológica, mas em sua gênese, se divergiu com ele. “Os dois pensam no sujeito como lançado a sua liberdade, mas ao mesmo tempo, a ideia de potencialidade é característica do humanismo, e por isso eles são totalmente diferentes.

Enquanto os existencialistas afirmam que é responsabilidade da pessoa criar suas potencialidades, os humanistas defendem que sua responsabilidade é descobrir as potencialidades que já existem. Além disso, o existencialismo afirma que existe a possibilidade do homem fazer escolhas destrutivas para si mesmo enquanto sujeito livre. Já o humanismo afirma que o ser humano faz escolhas destrutivas para si apenas quando está em condições desfavoráveis, pois quando se encontra em um livre fluxo de desenvolvimento da tendência atualizante, a propensão que possui é de fazer as melhores escolhas para si e para os outros. Rogers mostrou que isso é possível na clínica, um ambiente que poderia facilitar ao indivíduo o caminho de ativação dessa potencialidade.

O existencialismo ao trilhar um caminho oposto, que é a condição humana, tenta nos demonstrar no final das contas que nós somos sim resultados de construções sociais, e se há destruição, guerra e morte, é porque o ser humano a criou. Construções essas que entram em conflito com a própria realidade. Neste ponto é preciso questionar profundamente a visão sobre um "homem que nasce já determinado", ou seja, Sartre está expondo que ninguém nasceu escravo, ninguém nasce senhor. Não há como determinar o que o ser humano é. Para Sartre, o ser humano é resultado das construções sociais e das contradições que existem no mundo. Isso parece uma boa afirmativa. Mas acima de tudo, o ser humano é lançado a tomar uma atitude dentro dessas construções e contradições.

Certas vezes, o indivíduo pode suscitar a revolução, fugir da prisão e construir um movimento de libertação, ou seguir a manada. Em termos gerais, o sujeito pode, certas vezes, continuar em um trabalho que lhe causa danos existenciais, e aceitar a opressão. Ou certas vezes, abraçar a angústia do desemprego a fim de procurar algo melhor. Trata-se de uma escolha livre.



Para o humanismo, essa escolha é mascarada na experiência, onde a pessoa enxerga a sua experiência de forma distorcida. Por isso, ela escolheria o que é pior para si.

Percebe-se o fundamentalismo dessa discussão para a psicologia clínica porque através de Sartre e Rogers, porque entende-se o quanto as questões sociais e políticas permeiam o sofrimento do sujeito e quais seriam as escolhas que definem um psicólogo. É preciso escolher ser ou não ser conivente com a opressão? A ideia de neutralidade do psicólogo aqui é facilmente desmantelada. Não existe uma não escolha, já que escolher a neutralidade é escolher ser conivente com a opressão. Ao mesmo tempo, poderíamos perfeitamente concluir que a atitude da fenomenologia, a reflexão existencial, e a base humanista estariam no cerne de uma ética psicológica.

A ética dessas três correntes podem unir o existencialismo e o humanismo mesmo em choques epistemológicos, o que faz sentido unir os nomes na definição das abordagens. A fenomenologia nos ensina que, a psicologia é uma ciência inacabada. O homem é um ser humano inacabado, e já que ele o é, a psicologia irá acompanhá-lo nessa jornada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABIB, D. A. J; Epistemologia pluralizada e história da psicologia. *scientie studia*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 195-208, 2009.
- ALES BELLO, A. Introdução à Fenomenologia. Trad. Ir. Jacina Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, São Paulo: Edusc, 2006.
- AMATUZZI, M. M. A subjetividade e sua pesquisa. *Memorandum: Memória E História Em Psicologia*, 10, 93–97. 2006
- AMATUZZI, M. M. Rogers - Ética Humanista e Psicoterapia, SP: Alinea, 2010.
- BARROS, A, José. A; REVISÃO BIBLIOGRÁFICA – UMA DIMENSÃO FUNDAMENTAL PARA O PLANEJAMENTO DA PESQUISA. 11.^a ed. R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, 2009.
- BASTOS, R. M. Esboço de uma Teoria da Música: Para além de uma Antropologia sem Música e de uma Musicologia sem Homem. *ACENO*, v. 1, n. 1, p. 49-101, jan./jul. 2014.
- BOCK. A.M.B; *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia* – 15.ed. – São Paulo: Saraiva Educação, 2018.
- CASTANON, G. Introdução à epistemologia. São Paulo. EPU, 2007.
- CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2000



COGGIOLA, O. “Ciências Humanas: o que são, para que servem”, *Intelligere, Revista de História. Intelectual*, nº9, pp. 14-38. 2020.

CORDEIRO, C. S. Historiografia e história da historiografia: alguns apontamentos. XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, Florianópolis - SC, 2015.

DECASTRO, T. G., & Gomes, W. B. (2015). Fenomenologia e Psicologia Experimental no Início do Século XX. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 31(3), 403–410. Recuperado de <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/18617>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a Filosofia? 3.ed. Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2010.

DESCARTES, René. Discurso do Método. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FEIJOO, A. M. L. C. A escuta e a fala em Psicoterapia. Editora. Vetor, Q São Paulo: 2000.

FIGUEIREDO. L. C. M. Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência. 3 cd. - São Paulo: EDUC, 2008.

FORGHIERI, Y. Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Ed. Pioneira Thomson. 2000.

GAUER, G. DEBATES EPISTEMOLÓGICOS ENTRE EMPIRISTAS E RACIONALISTAS. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In Gomes, W. B., Gauer, G. & Souza, M. L. (2007). *História da Psicologia*.

GIORGI, A; SOUZA. D; Método fenomenológico de investigação em psicologia. Lisboa: Fim de Século. 2010.

GUERRA. E; BROZEK. J; Que fazem os historiógrafos? Uma leitura de Josef Brožek. FREITAS, RH., org. *História da psicologia: pesquisa, formação, ensino* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 133 p. ISBN: 978-85-99662-83-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

HYCNER, R. De Pessoa a Pessoa. Psicoterapia Dialógica, São Paulo. 1995.

HOLANDA, A. F.; MOREIRA, J. da S. Fenomenologia, organismo e vida: uma introdução à obra de Kurt Goldstein. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, [S. l.], v. 1, n. 2, 2017. DOI: 10.48075/aoristo.v1i2.18217. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/aoristo/article/view/18217>. Acesso em: 21 set. 2023.

LIMA, B. F. Alguns apontamentos sobre a origem das psicoterapias fenomenológico-existenciais. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(1), 28-38. 2008. Recuperado em 20 de setembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100006&lng=pt&lng=pt.



MARTIN SALA, J. J. S. Psicologia e fenomenologia. Rev. NUFEN, Belém, v. 10, n. 3, p. 1-21, dez. 2018. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912018000300002&lng=pt&nrm=iso. acessos em 20 set. 2023. <http://dx.doi.org/10.26823/RevistadoNUFEN.vol10.n03artigo33>.

MARTINS, J. Um enfoque fenomenológico do currículo: educação como poíesis. São Paulo: Cortez, 1992.

MASLOW, A. (1988). Psicologia Existencial - o que há nela para nós? Em R. May (Org.), Psicologia Existencial (pp. 97-106). Globo. 1980.

MASSIMI, M.; CAMPOS, F. H. R.; BROZEK, J.; Historiografia da psicologia: métodos. FREITAS, RH., org. História da psicologia: pesquisa, formação, ensino [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. 133 p. ISBN: 978-85-99662-83-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

MAY, R. (Org.). Psicologia existencial. Rio de Janeiro: Globo. 1980.

NACHMANOWICZ, R. M. Fundamentos para uma análise musical fenomenológica, 144 fls.; il. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Música Orientador, Belo Horizonte. Minas Gerais. 2007

OLIVEIRA, T. C. A.; BORBA, J.M.P; Contribuições da fenomenologia Husserliana para a Psicologia Clínica. Rev. NUFEN, Belém , v. 11, n. 3, p. 154-169, dez. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912019000300010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 set. 2023.

ORTEGA Y GASSET, J. A rebelião das massas. Tradução de Felipe Denardi. São Paulo: Vide Editorial. 2016

QUEIROZ, F. P; SOBREIRA, G. A. Antropologia Geral. Sobral: 1. Ed. INTA - Instituto Superior de Teologia Aplicada. 2016.

ROGERS, C. R; KINGET, G. M. Psicoterapia e relações humanas, v.1, 2.ed. Tradução: Maria Luisa Bizzotto. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.

ROGERS, C. (1986). Duas tendências divergentes. Em R. May (Org.), Psicologia Existencial (pp. 97-106). Globo. 1980.

ROGERS, C. R. Terapia centrada no cliente. São Paulo: Martins Fontes, 1975 (Originalmente publicado em 1951)

SARTRE, J.-P. A Imaginação. Trad. Rita Correa Guedes. In: (Os Pensadores). Sartre. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SARTRE, Jean-Paul. O Existencialismo é um humanismo. 4.ed. Lisboa: Presença, 1978.



SARTRE, Jean-Paul. O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenologia. 3. ed. Petropolis: Vozes, 1997.

SERRÃO. V. A. Introdução à Antropologia Filosófica. (Universidade de Lisboa). Philosophica, 53, Lisboa, 2018, pp. 21-35.

SHULTZ. S; SHULTZ, D. P. L. C. M. História Da Psicologia Moderna. 11. ED. - Boston, Massachusetts, EUA. Cengage Learning. 2019.

SILVA, Flávia Gonçalves da. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. Psicol. educ., São Paulo , n. 28, p. 169-195, jun. 2009
Disponível em
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 set. 2023.

SILVA, J. C. P; LIMA. M. J. A .L; LIMA. T. F. V; LAUAR. A. C; PASCHOARELLI. C. L; OS ESTUDOS DE LEONARDO DA VINCI E SUA AÇÃO PRECURSORA NA ERGONOMIA. Em PASCHOARELLI, LC., orgs. A evolução histórica da ergonomia no mundo e seus pioneiros [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 103 p. ISBN 978-85-7983-120-1

SOKOLOWSKI, R. Introdução à fenomenologia. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

SOUZA. M. T; SARTRE E A CONDIÇÃO HUMANA: A CONDENAÇÃO A UMA NATUREZA IMPOSTA PELA EXISTÊNCIA. Número XXIII – Volume I – Revista ética e filosofia política. Junho de 2020.

Wood, J. K. Abordagem Centrada na Pessoa (4. ed). Vitória: EDUFES. 2008.

ZILES, U. Fenomenologia e teoria do conhecimento em Husserl. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 13, n. 2, p. 216-221, dez. 2007 . Disponível:
<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 set. 2023.